



## **A EMOÇÃO QUE NOS CONSTITUI: RELATO PESSOAL DE QUEM SENTE MUITO**

Hilanna Soares de Almeida<sup>1</sup>  
Laiza Gabriela Marques Moura<sup>2</sup>  
Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi<sup>3</sup>

Este trabalho se refere a uma proposta didática de Língua Portuguesa, aplicada a alunos do Ensino Fundamental II, no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), em uma escola pública do Distrito Federal. Esses estudantes apresentam comportamento de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), caracterizado por desempenho superior à média em uma ou mais áreas do conhecimento (Renzulli, 2004). A proposta teve como objetivo primordial a produção do gênero relato pessoal, desenvolvido de forma digital, utilizando como suporte o aplicativo *Kilonotes*. Acreditamos que a escolha desse gênero permitiu um trabalho profícuo com as questões socioemocionais, conforme orienta a BNCC (2017). Pessoas com AH/SD podem apresentar sobre-excitabilidade emocional, que se refere ao modo como as relações são vivenciadas. No caso dos estudantes em tela, eles apresentam altos níveis de empatia, preocupam-se com as emoções dos outros e conseguem expressar sentimentos de forma intensa (Miller, Falk e Huang, 2009; Piechowski, 2015). Dito isso, as produções digitais ocorreram por meio de narrações de vivências reais, organizadas de forma cronológica e com forte carga subjetiva. Baseando-se no modelo triádico (Renzulli, 1994, 2004; Renzulli e Reis, 1997), as ações foram divididas em três tipos: Tipo I – Exposição a novas vivências: os alunos participaram de uma saída de campo ao Jardim Botânico, onde observaram cores, sons, aromas e texturas da natureza. Tipo II – Desenvolvimento de habilidades: prática da escrita criativa, por meio do uso do *Kilonotes*. I. Tipo III – Investigação orientada: projeto centrado em problemas reais, motivando os aprendizes a se posicionarem como pesquisadores. Defendemos que a experiência promoveu a criatividade, a autonomia e o fortalecimento das competências linguísticas e digitais, ao mesmo tempo em que valorizou as singularidades dos alunos. Os relatos produzidos revelaram um envolvimento autêntico, permitindo aos estudantes expressarem suas vivências escolares de maneira sensível e significativa.

**Palavras-chave:** Altas Habilidades/Superdotação; *Kilonotes*; Ensino Fundamental II; Relato pessoal.

### **1 INTRODUÇÃO**

O atendimento a estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) constitui um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para a escola contemporânea. Ao lidar com esse público, o papel do professor ultrapassa o desenvolvimento cognitivo tradicional e passa

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras (UnB). Bolsista Capes/PIBID, hilanna.soareess@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Letras (UnB). Bolsista Capes, laizagabriela\_moura@icloud.com

<sup>3</sup> Doutora em Linguística (UFU). Professora da SEEDF e Supervisora do PIBID Letras (UnB), cvguisardiprofessoagmail.com





a envolver também a escuta sensível, o estímulo à criatividade e a valorização das emoções como componentes legítimos do processo de aprendizagem. Isso exige práticas pedagógicas que reconheçam a complexidade desses sujeitos e ofereçam espaços para a expressão de sua singularidade.

Entre as características frequentemente associadas aos estudantes com AH/SD está a sobre-excitabilidade, conceito proposto por Kazimierz Dąbrowski no âmbito da Teoria da Desintegração Positiva. Essa característica traduz-se em uma intensidade emocional, imaginativa, intelectual e sensorial acima da média, que pode tanto impulsionar o potencial criativo quanto gerar vulnerabilidade emocional. Assim, torna-se necessário que a escola proponha experiências que promovam o autoconhecimento e a autorregulação, sem desconsiderar a potência do sentir como motor da aprendizagem (Miller; Falk; Huang, 2009; Piechowski, 2015).

Neste contexto, esse trabalho apresenta uma experiência didática desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), em uma escola pública do Distrito Federal, com alunos do Ensino Fundamental II. A proposta teve como foco a produção digital do gênero relato pessoal, utilizando o aplicativo *Kilonotes* como suporte. A escolha desse gênero buscou integrar o desenvolvimento das competências linguísticas e digitais, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao mesmo tempo em que valorizou a dimensão socioemocional dos participantes (Brasil, 2017). As ações realizadas foram organizadas segundo o modelo triádico de Renzulli (1994, 2004); Renzulli e Reis (1997): atividades de exposição a novas vivências, de desenvolvimento de habilidades e de investigação orientada. Por meio dessa sequência, procurou-se estimular a criatividade, a autonomia e a expressão autêntica dos estudantes. O objetivo central do estudo é analisar como o trabalho com o gênero relato pessoal, em ambiente digital, contribuiu para a manifestação das experiências e emoções de alunos com AH/SD, fortalecendo sua singularidade no processo educativo.

## 2 REFERENCIAL TÉORICO

Este referencial está dividido em 4 seções, sendo elas: 1) Altas habilidades/superdotação; 2.2) Sobre-excitabilidade; 3) O Gênero Relato Pessoal. A escolha dessa abordagem se justifica pela necessidade de compreender o fenômeno das AH/SD, considerando não apenas suas características cognitivas, mas também os aspectos emocionais





e como estes podem ser manifestados por meio da linguagem. A abordagem da sobre-excitabilidade permite discutir as intensidades vivenciadas por esses estudantes, enquanto o gênero relato pessoal oferece espaço para que suas experiências e percepções sejam narradas de modo autêntico. Dessa forma, o referencial sustenta uma análise integrada entre teoria e vivência.

## 2.1 Altas Habilidades/Superdotação

No contexto brasileiro, o Ministério da Educação define que os estudantes com AH/SD são aqueles que apresentam elevado potencial em uma ou mais áreas específicas - como intelectual, acadêmica, de liderança, psicomotora ou artística-, além de revelarem grande criatividade e forte envolvimento nos processos de aprendizagem e na realização de atividades relacionadas aos seus campos de interesse (Brasil, 2008).

A teoria adotada no contexto escolar para identificação de estudantes com comportamento de AH/SD é a criada por Joseph Renzulli e é conhecida como Teoria dos Três Anéis. De acordo com esse modelo, o aluno deve apresentar três características essenciais: habilidades acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa.

O Modelo dos Três Anéis enfatiza que os comportamentos de superdotação podem se manifestar mesmo quando os três conjuntos de traços não estão presentes simultaneamente. O autor ressalta que nenhum deles é mais importante que o outro, podendo ser utilizados separadamente para a indicação de uma criança para programas de atendimento a AH (Renzulli; Reis, 1997; Renzulli, Reis; Smith, 1981).

Quanto à habilidade acima da média, Renzulli (2004) explica que se refere a capacidades gerais ou específicas que podem ser demonstradas em domínios intelectuais, acadêmicos, artísticos ou outros. O anel da criatividade é caracterizado pela capacidade de produzir ideias originais, inventivas e inovadoras, combinando diferentes elementos para gerar soluções novas e eficazes. Envolve traits como fluência, flexibilidade, originalidade, sensibilidade a detalhes, curiosidade intelectual e abertura a novas experiências (Duarte, 2020). O envolvimento com a tarefa refere-se à motivação intrínseca, à perseverança e ao comprometimento demonstrados pelo aluno ao dedicar-se intensamente a temas ou atividades de seu interesse. Inclui traços como tenacidade, foco, autoconfiança e alto nível de empenho na resolução de problemas ou desenvolvimento de projetos (Duarte, 2020).



Renzulli (1986, 2004), ao propor a concepção de Superdotação dos Três Anéis, analisa os três conjuntos de traços, apresentando este conceito a partir de uma representação gráfica na forma de interseção de três círculos. Complementando esse referencial, Renzulli (1986, 2004) também desenvolveu o Modelo Triádico de Enriquecimento Escolar (Renzulli, 1994, 2004; Renzulli e Reis (1997), que foi a **metodologia** escolhida para este trabalho. Este modelo comprehende três tipos de atividades, conforme demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 1: Modelo Triádico - Tipos de atividades

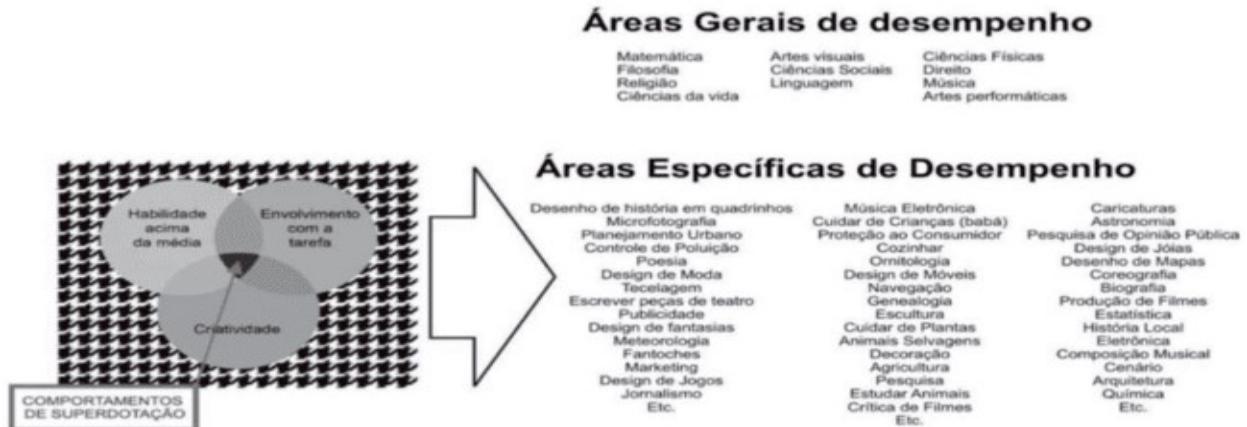
Atividade tipo 1	Atividades de exploração geral, que visam expor os estudantes a uma variedade de temas, ideias e áreas do conhecimento que não fazem parte do currículo regular.
Atividade tipo 2	Atividades de treinamento grupal, que buscam desenvolver habilidades específicas, como pensamento crítico, criatividade, comunicação e métodos de pesquisa.
Atividade tipo 3	Atividades de investigação real, nas quais o aluno assume o papel de pesquisador, aprofundando-se em um tema de interesse, produzindo conhecimento novo e compartilhando seus resultados com audiências reais.

Fonte: As autoras, com base em Renzulli (1994, 2004) e Renzulli e Reis (1997).

Este modelo tem como objetivo promover oportunidades diferenciadas que atendam às necessidades e interesses dos estudantes com AH/SD, incentivando a autonomia, a criatividade e a produção intelectual significativa (Renzulli, 1994; Renzulli & Reis, 1997). Na figura a seguir, tem-se a representação gráfica da superdotação.

Figura 1: Representação gráfica da superdotação

### Representação gráfica da definição de superdotação



Fonte: Retirado de Renzulli (2004).



Dessa forma, defendemos que escolher a teoria dos três anéis e seu modelo triádico como metodologia foi profícua, já que oferece não apenas um instrumento para a identificação desses estudantes, mas também um framework pedagógico robusto para o planejamento de práticas educacionais que visam ao desenvolvimento pleno de seu potencial, focando no enriquecimento curricular e na personalização da aprendizagem.

## 2.2 Sobre-excitabilidade

Um conceito central para compreender a dimensão emocional de estudantes com AH/SD é o de sobre-excitabilidade, formulado por Kazimierz Dąbrowski no âmbito de sua Teoria da Desintegração Positiva. Esse constructo refere-se a uma sensibilidade amplificada e a uma resposta intensa a estímulos internos e externos, que se manifesta em cinco domínios: psicomotor, sensorial, intelectual, imaginativo e emocional.

Dentre essas dimensões, a sobre-excitabilidade emocional merece especial atenção por caracterizar-se por uma empatia acentuada, a formação de vínculos afetivos profundos, uma capacidade incomum de comoção e uma tendência a expressar emoções de maneira intensa, por vezes de forma desproporcional ao contexto. Em estudantes superdotados, tais traços podem traduzir-se tanto em potencial criativo e profundidade reflexiva quanto em vulnerabilidade emocional, demandando, portanto, um acompanhamento sensível por parte da escola.

Nesse sentido, é essencial que o ambiente educacional adote estratégias que promovam a autorregulação e valorizem a subjetividade desses alunos, reconhecendo que sua intensidade emocional não é um desvio, mas uma característica intrínseca de sua condição (Miller; Falk; Huang, 2009; Piechowski, 2015).

Consideramos, para abordagem das emoções e possibilidade de expressá-las por meio da linguagem, associar o gênero relato pessoal ao uso de tecnologias digitais, dialogando com os princípios da BNCC (2017), ao integrar competências linguísticas, digitais e socioemocionais. Essa articulação favorece a formação de sujeitos críticos, criativos e autônomos, capazes de narrar suas vivências, atribuir-lhes significado e compartilhá-las em diferentes esferas sociais. Sobre o gênero relato pessoal, ele é apresentado na próxima seção.



## 2.3 Gênero Relato Pessoal

O relato pessoal configura-se como um gênero textual de natureza narrativa cujo objetivo central é a expressão de experiências vividas pelo autor. Por meio dele, o indivíduo organiza eventos de sua trajetória em uma sequência temporal, atribui significados às vivências narradas e constrói uma reflexão articulada sobre si mesmo e seu lugar no mundo. Trata-se, portanto, de uma prática discursiva que integra memória, subjetividade e linguagem, permitindo a manifestação de sentimentos, percepções e aprendizados de forma singular e sensível (Antunes, 2003).

No contexto educacional, o relato pessoal revela significativo potencial formativo. Em primeiro lugar, contribui para o desenvolvimento de competências linguísticas, exigindo do estudante a construção de narrativas coesas e coerentes, com encadeamento lógico-temporal claro e emprego adequado de recursos gramaticais e discursivos. Paralelamente, fortalece o exercício da autoria, já que o aluno é convidado a escrever a partir de sua própria perspectiva, elaborando sentidos originais para suas experiências.

Em segundo lugar, o gênero favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, na medida em que propicia a reflexão sobre as próprias vivências, o reconhecimento de emoções e a partilha de perspectivas no espaço coletivo da sala de aula. Dessa forma, promove-se o fortalecimento de vínculos baseados na empatia e no respeito mútuo.

No caso de discentes com AH/SD, a relevância do relato pessoal acentua-se ainda mais. Tais estudantes frequentemente apresentam traços de sobre-excitabilidade emocional, que se manifestam por meio de sensibilidade aguçada, intensidade afetiva e notável capacidade empática. Assim, o gênero oferece um espaço privilegiado para a expressão autêntica de sua subjetividade, permitindo que vocalizem suas emoções e experiências no ambiente escolar.

Quando produzido em suportes digitais, como no aplicativo Kilonotes , o relato pessoal expande suas possibilidades expressivas e pedagógicas. O uso de tecnologias digitais confere maior autonomia ao aluno, possibilita a experimentação com elementos multimodais (como imagens, cores e anotações visuais) e facilita processos de reescrita e publicação em contextos colaborativos. Essa abordagem alinha-se diretamente às orientações da Base





Nacional Comum Curricular (BNCC), que preconiza a integração entre letramento digital e práticas de linguagem, sem deixar de valorizar a singularidade do percurso discente.

Desse modo, o relato pessoal consolida-se como um instrumento pedagógico de grande potência, capaz de articular, de maneira harmoniosa e intencional, dimensões linguísticas, criativas e socioemocionais no processo de ensino-aprendizagem.

### **3 O RELATO DE EXPERIÊNCIA**

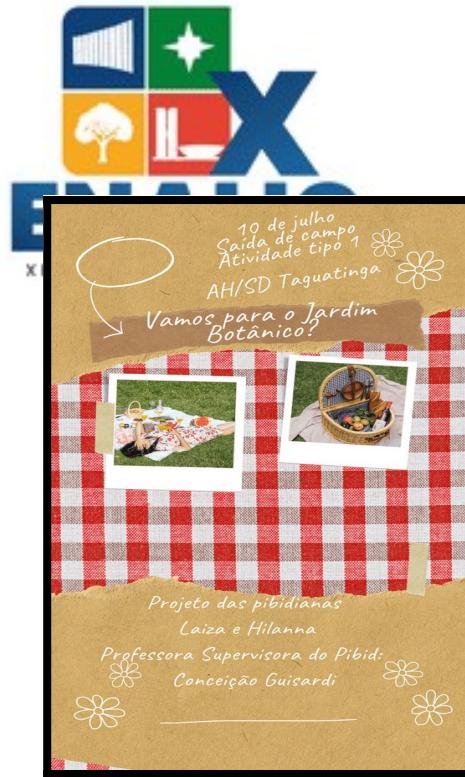
No âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), desenvolvemos uma experiência pedagógica com 15 estudantes com AH/SD, matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola pública do Distrito Federal. O projeto focou na produção de relatos pessoais digitais por meio do aplicativo *Kilonotes*, utilizando como ponto de partida uma visita ao Jardim Botânico de Brasília.

Conforme já dito, escolhemos como metodologia o modelo triádico de Renzulli (2024), envolvendo os estudantes em atividades do tipo 1, 2 e 3. A escolha do gênero relato pessoal fundamentou-se em seu potencial para acolher a expressão das características socioemocionais dos estudantes com AH/SD, particularmente no que se refere à sua sensibilidade aguçada e profundidade emocional. A atividade foi estruturada segundo o modelo triádico de Renzulli, iniciando com a exploração sensorial durante a saída de campo, seguida por oficinas de escrita criativa e culminando na produção digital autoral.

O primeiro passo foi a organização do lanche, cujo objetivo era despertar emoções por meio dos cheiros, sabores e do compartilhamento de experiências. Para isso, fizemos um convite para um pequenique a ser realizado durante a visita ao Jardim Botânico. A seguir, tem-se o convite que foi entregue a cada estudante.

Figura 2 – Convite para o piquenique





Fonte: Arquivo pessoal

A escolha por fazer um piquenique foi bastante acertada, pois os estudantes demonstraram grande entusiasmo ao participarem desse momento. Eles puderam explorar diferentes sabores, expressar suas sensações e fortalecer os vínculos com os colegas.

Assim, durante a visita ao Jardim Botânico, os estudantes foram convidados a experimentar o ambiente com todos os sentidos: observar minuciosamente texturas e cores, perceber aromas e sons, registrar sensações e emoções despertadas pelo contato com a natureza. Para a maioria dos participantes, esta foi a primeira visita ao local, fato que contribuiu significativamente para o encantamento e engajamento demonstrados durante a atividade. A experiência sensorial mostrou-se profundamente significativa, com estudantes relatando sentir "paz", "liberdade" e "conexão" com o ambiente natural.

Nas imagens a seguir, apresentamos exemplos de relatos feitos pelos estudantes AH/SD, nos quais tiveram a oportunidade de expressar suas emoções.

Figura 3 – Exemplos 1 e 2 de relatos feito pelos estudantes AH/SD



No dia 10 de junho de 2025, a sala de linguagens de AH/SD trafegou rumo ao jardim botânico. Professoras e pibidianas nos acompanharam, minhas primeiras impressões foram de ser um lugar cuidado e preservado.

Foi a primeira vez que eu visitei o jardim botânico, gostaria de voltar de novo, pois é muito diferente dos lugares que estamos acostumados a ir por ter muitas plantas e árvores distintas... O relógio do Sol é muito interessante, o que me intrigou de verdade era como ele funcionava.

Pensei que por termos ido pela manhã nos proporcionou melhor estadia com uma leve brisa fria. Gostei também de avistar meu peixe favorito a carpa. O tempo que passei no jardim botânico foi divertido parar um pouco e respirar é sempre bom. I

**Relato de experiência - Saída de campo ao Jardim Botânico**

No dia 10 de junho de 2025, nós, alunos das Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), fomos ao Jardim Botânico de Brasília, para fazermos um piquenique. Felizmente, eu tive a honra de conhecer o Jardim Botânico, e se não fosse a oportunidade de ser atendida nas AH/SD, eu nunca iria. Sempre pensei que seria um local que vendia flores. Na entrada, achei muito bonito, é um lugar com muitas árvores, e com gramas verdinhas. Quando descemos do ônibus, já tinha um senhor explicando para a gente sobre o local, e ele nos contou que havia animais silvestres, mas infelizmente não consegui ver nenhum, somente vi um peixe. Conforme andávamos, eu vi que tinha um restaurante na frente com várias mesas e o pessoal tomando café.

Eu vi um uma casa muito interessante, eu não sei direito o que é, mas gostei, na minha mente isso é um museu.

Fonte: Arquivo pessoal (Registro da experiência).

Figura 4: Exemplo 3 de relato produzido por uma estudante AH/SD

Fui pela primeira vez ao Jardim Botânico de Brasília e resolvi contar a minha experiência. Até então, eu acreditava que só havia plantas lá, então nunca tive vontade de ir visitar. Mas acabei me arrependendo de não ter ido antes! No ônibus, sentei sozinho e aproveitei para descansar um pouco, pois estava com muito sono. Depois de 40 minutos, cheguei ao local junto com a turma, às 9 horas da manhã. Estávamos com várias pessoas da escola e logo fomos recebidos por uma profissional que nos perguntou coisas para testar os nossos conhecimentos do cerrado e contou sobre o que era feito lá. No início, não estava animado, mas logo fui começando a gostar e tirar várias fotos, além de vários tipos de plantas e flores cheirosas e com cores vibrantes. Também vimos várias espécies de animais como peixes, tartarugas e aves.

Fomos caminhando e encontramos várias coisas envolvendo a natureza, como, por exemplo, um relógio de sol e fontes feitas com a água de rios... a esse ponto eu já estava feliz, mas fiquei mais ainda quando chegou a hora do piquenique da turma. Cada aluno trouxe uma comida e havia uma variedade muito grande, tinha pipoca, churros, suco, refrigerante, pão de queijo, entre outras comidas. Eu comi muito e fiquei conversando com meus amigos até chegar a hora de ir embora.

Em síntese, foi muito legal visitar o Jardim Botânico de Brasília pela primeira vez. Eu amei ver as vegetações do cerrado que nunca havia visto e os animais, porém achei que ficamos muito pouco tempo e que deveríamos ter ficado mais tempo, mas um ponto negativo é que o espaço é gigante e tem que andar muito e faz a perna cansar muito, mas com certeza vale a pena visitar.

B.B  
Sala de Linguagens

Fonte: Arquivo pessoal. Registro da experiência.



Figura 5: Exemplo 4

Em 2025, nós, alunos da sala de linguagens do Centro de Altas Habilidades e Superdotação de Taguatinga, saímos em campo para visitar o Jardim Botânico de Brasília (JBB). Iniciamos nossa jornada no local de encontro - a própria instituição de ensino -, às 7h30. Então, após meia hora, partimos e fomos juntos de ônibus. Embora o JBB seja um ponto turístico conhecido em Brasília, devido à sua vasta variedade de fauna e de flora protegidas e preservadas, eu, que sou moradora, nascida e criada nessa cidade, nunca o tinha visitado e, desde o momento que a saída de campo foi anunciada, já estava animada para conhecer de perto esse lugar lindo. Assim, ao chegarmos, já separei minha garrafa com água e meu celular para registrar esse momento.



Iniciamos nossa jornada com uma conversa descontraída sobre o JBB e a sua importância com um dos trabalhadores do lugar. Com isso, começamos nossa caminhada até o Jardim de Contemplação. Que lugar encantador! Que emoção sentimos. Nesses momentos, percebemos que a integração natureza-urbanismo pode e, deveria, ser amplamente usada nas cidades. Contemplamos um lindo jardim com um lago artificial, uma ponte e algumas estruturas arquitetônicas, como uma fonte e um relógio de sol.



Ao meu ver, a pura contemplação, já prevista pelo nome do jardim, é tranquilizadora e apaixonante. Além disso, caso o visitante queira se deleitar sobre a vista enquanto toma um café ou come algo, é possível que isso seja feito na cafeteria e lanchonete Calandra que fica logo ao lado.



Dando continuidade ao caminho planejado, chegamos ao Orquidário. Uma construção de concreto, pedra e madeira com diversos tipos de orquídeas dispostas de todas as formas possíveis, penduradas, expostas em troncos ou, até mesmo, no chão ou em suportes parecidos com bancos. Nesse mesmo ambiente, havia, ainda, uma bela fonte que trazia a calmaria e a umidade da água, adorável o lugar, mostrando mais uma vez a união dos recursos naturais com a natureza.



Com o passeio chegando ao fim, conhecemos o Jardim Japonês que, com sorte, estava florido e nos agraciou com suas árvores e suas belas flores cor de rosa.



Infelizmente, nosso tempo de visitação foi curto, somente no período matutino, e tivemos que passar rapidamente por essa parte do JBB, seguindo direto para a área reservada para piqueniques. Percorremos uma pequena trilha que nos levou às mesas de piquenique e a um parquinho. Desse modo, escolhemos uma das mesas grandes e fomos com nossas toalhas, organizando nosso lanche coletivo. A professora responsável pela organização da saída de campo, Conceição Guisardi, reservou sucos, pipocas gourmet e água para todos e, devido ao espírito coletivo que fez com que vários estudantes levassem algo para contribuir, tivemos uma grande diversidade de comidas. As Pibidianas, que também foram responsáveis pela saída de campo, lancharam conosco, o que resultou em um agradável momento de experiência entre todos.

Fonte: Fonte: Arquivo pessoal. Registro da experiência.





A experiência relatada neste trabalho permitiu evidenciar que a integração entre práticas de linguagem, tecnologias digitais e atenção às especificidades socioemocionais dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) constitui um caminho profícuo para a construção de uma educação mais sensível, criativa e inclusiva.

Os estudantes AH/SD apreciaram a oportunidade de transformar a vivência da saída de campo ao Jardim Botânico em produções escritas no aplicativo *Kilonotes*, desenvolvendo o gênero relato pessoal digital. A escrita surgiu como um espaço de reflexão sobre as emoções despertadas durante o piquenique e a visita aos diferentes espaços do Jardim, tal como o orquidário, permitindo que cada aluno narrasse suas percepções de forma subjetiva e criativa. As produções revelaram a intensidade com que vivenciam as relações interpessoais e a natureza, confirmando o potencial da escrita como instrumento de expressão socioemocional e fortalecimento das competências linguísticas e digitais. A experiência evidenciou que o aprendizado se torna mais significativo quando conecta conhecimento, emoção e partilha.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento da proposta, estruturada segundo o Modelo Triádico de Renzulli, mostrou-se eficaz ao articular três dimensões fundamentais: a vivência sensorial e afetiva proporcionada pela visita ao Jardim Botânico; o exercício da expressão e da autoria nas oficinas de escrita criativa; e o uso do aplicativo *Kilonotes* como suporte tecnológico e estético para a produção final. Essa combinação favoreceu não apenas a aprendizagem linguística e o aprimoramento digital, mas também a expressão emocional e o reconhecimento da singularidade de cada participante.

Os relatos produzidos pelos estudantes revelaram uma escrita marcada pela sensibilidade, pela introspecção e pela capacidade de elaborar emoções de forma simbólica e poética, elementos que confirmam o potencial do relato pessoal como instrumento de autoconhecimento e pertencimento. Além disso, o uso da tecnologia possibilitou maior engajamento e autonomia, ampliando o alcance e a significação do processo de escrita.

Conclui-se, portanto, que práticas pedagógicas que valorizem o sentir e o expressar, tanto quanto o raciocinar, contribuem para uma formação mais integral. Ao promover o diálogo entre emoção, linguagem e tecnologia, a escola cumpre seu papel de espaço de humanização,





oferecendo aos estudantes com ~~ASD~~ não apenas desafios intelectuais, mas também o direito de sentir muito e de transformar esse sentir em conhecimento e em expressão por meio da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- DĄBROWSKI, Kazimierz. **Positive Disintegration.** Boston: Little, Brown, 1964.
- DUARTE, Vera. **Altas habilidades/superdotação:** teoria e prática na escola inclusiva. Brasília: UnB, 2020.
- MILLER, Nancy; FALK, Ronald; HUANG, Sherry. “The Overexcitabilities of Gifted Students: Emotional Intensity and Creative Expression.” **Journal for the Education of the Gifted**, v. 32, n. 1, p. 23–45, 2009.
- PIECHOWSKI, Michael M. “Rethinking Dabrowski’s Theory.” In: AMBROSE, Don et al. (Org.). **Creative Intelligence in the 21st Century:** Grappling with Enormous Problems and Huge Opportunities. Rotterdam: Sense Publishers, 2015.
- RENZULLI, Joseph S. The Three-Ring Conception of Giftedness: A Developmental Model for Creative Productivity. In: STERNBERG, R. J.; DAVIDSON, J. (Eds.). **Conceptions of Giftedness.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- RENZULLI, Joseph S.; REIS, Sally M.; SMITH, Linda H. **The Revolving Door Identification Model.** Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1981.
- RENZULLI, Joseph S. **The Enrichment Triad Model:** A Guide for Developing Defensible Programs for the Gifted and Talented. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1994.
- RENZULLI, Joseph S.; REIS, Sally M. **The Schoolwide Enrichment Model:** A Comprehensive Plan for Educational Excellence. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1997.